

MUÑOZ, J. F.; SALLUM, M.

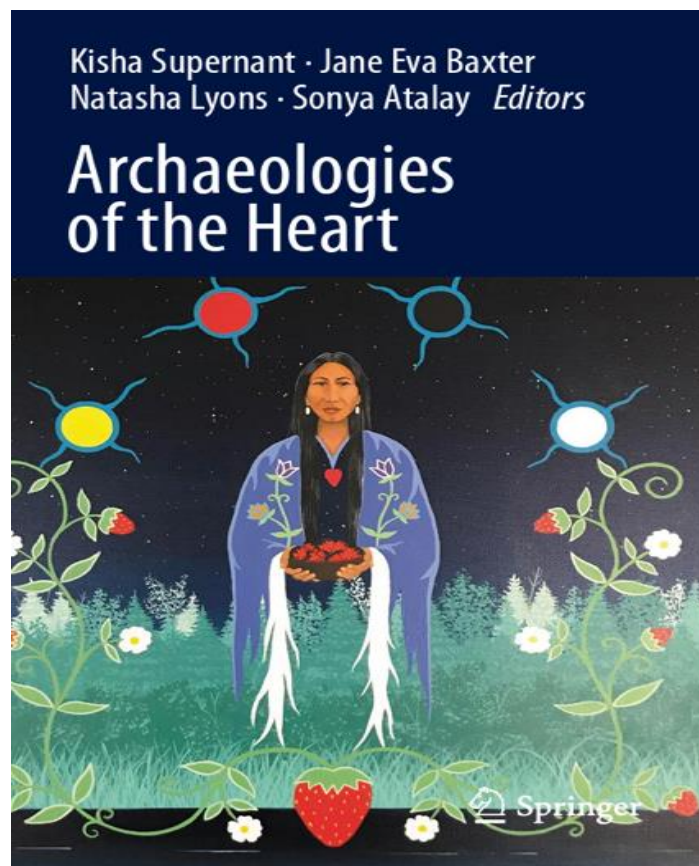
RESENHA: “Arqueologias do Coração”: por uma contribuição das Américas no desenvolvimento de uma “Nova Arqueologia”

Archaeologies of the heart. SUPERNANT, J.; BAXTER, J. E.; LYONS, N.; ATALAY, S. (ORG).

CHAM: SPRINGER, 2020. 280P.

Julieta Flores-Muñoz ⁱ

Marianne Sallum ⁱⁱ



ⁱ. Instituto Politécnico Nacional, professora investigadora no Departamento de História y Geopolítica, Escuela Superior de Economía CDMX. Proyecto abierto “Modelando la narrativa oral en regiones de montaña de Veracruz México” (SAPPI-IPN 20230107).

E-mail: jufloresmu@ipn.mx

ⁱⁱ. Universidade de São Paulo, pós-doutoranda do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (Levoc), Museu de Arqueologia e Etnologia, apoio financeiro Fapesp: 2019/17868–0, 2019/18664–9.

Universidade de Lisboa, investigadora no Centro de Arqueologia (UNIARQ).

E-mail: marisallum@usp.br

A prática da Arqueologia nas Américas vem mudando suas perspectivas éticas e teóricas de forma notável e fundamental nas últimas décadas (Atalay, 2012). É o resultado de diálogos profícuos entre diferentes epistememes, fazendo emergir a complexidade e diversidade das experiências humanas. Trata-se de uma nova abordagem no meio acadêmico e intelectual das Américas, na esteira de propostas de pensadoras e pensadores Indígenas e Quilombolas mais evidentes, como Watatakalu Yawalapiti, Leydy Pech, Sonya Atalay, Ailton Krenak, Sílvia Rivera Cusicanqui, Antônio Bispo dos Santos, entre outras e outros que estão surgindo e ganhando notoriedade. São contribuições ancoradas na luta pela conquista de plenos direitos civis e superação do eurocentrismo na construção do conhecimento, fomentando práticas mais inclusivas. Tais contribuições são convites para repensar as bases da compreensão ocidentalizada da vida, enfatizando o reconhecimento das diversas formas de ser. Como foi destacado pelo renomado pensador indígena Ailton Krenak em 2016, ao propor “alianças afetivas” para transformar as relações humanas entre si e com a natureza. Essa perspectiva é complementar a ideia de Tuxá et al. (2024) que defendem que as pesquisas acadêmicas devem afastar-se da mera função de serem repositórios de informações, tornando-se verdadeiros facilitadores do diálogo, cuidado e respeito pelas diversas formas de conhecimento.

Com este espírito renovador, "Arqueologias do Coração" inspira-nos a reposicionar a Arqueologia destacando o papel da emoção, do amor e da conexão sem, contudo, negligenciar o rigor. A ideia surgiu nos congressos World Archaeological Congress WAC (Kyoto, 2016) e Society for American Archaeology SAA (Vancouver, 2017), em debates sobre “Arqueologia da Emoção” e “Arqueologia centrada no Coração”. O livro é um estímulo para incorporar a sensibilidade e lugares de fala na escrita das teorias e métodos da Arqueologia, buscando práticas verdadeiramente centradas no coração. A capa do livro é ilustrada pelo artista Anishnaabe David Shananaquet usando o “heart berry” (morango silvestre), um fruto valorizado por diversas culturas ao longo da história por sua forma e cor, além de suas propriedades medicinais e curativas, representando o propósito e o tema central do volume: “a cura e a transformação”.

A obra é uma coletânea pioneira que explora as interseções entre arqueologia e as emoções humanas, propondo o exercício de autorreflexão da prática acadêmica, como meio para construir um presente e futuro mais respeitoso. Inspirados por Sonya Atalay (2019), as autorias sugerem o envolvimento da pesquisa com aspectos espirituais, emocionais, a escuta atenciosa e a transmissão de saberes ancestrais. Na introdução, descrevem a “Arqueologia do

Coração” como uma prática que vai além de teorias e metodologias, abarcando todas as etapas de pesquisa arqueológica, desde o campo até o laboratório, o ensino, as publicações, especialmente, as colaborações efetivas com as comunidades. A mudança proposta também deve abranger a relação com outros seres humanos e não humanos nas atividades e na interpretação do passado e presente pela Arqueologia.

O livro valoriza o caráter interdisciplinar da Arqueologia e a necessidade de abraçar ativamente as contribuições das diversas áreas do conhecimento, tais como Antropologia, História, Linguística e Ecologia. Assim, destaca, em particular, as ideias, perspectivas e demandas das próprias comunidades - uma tarefa ainda por avançar na América Latina. A obra é estruturada em três partes principais: 1) Orientação para a prática e o envolvimento coração-centrado; 2) Centrados no coração em encontros com o registro arqueológico; 3) Das sementes às flores: reflexão e discussão. As considerações finais são compostas por três ensaios que exploram detalhadamente temas relacionados à cura e transformação, estimulando reflexões sobre a percepção da cura nas diferentes culturas nas Américas.

Embora o livro não tenha a pretensão de ser um manual objetivamente elaborado para construir uma Arqueologia do Coração, seus capítulos oferecem peças para montar um mosaico conceitual. Sem dúvida é uma tarefa titânica, mas necessária que ainda está em processo de ter suas teorias e métodos mais definidos. Como observa Margaret Conkey no capítulo 17: *“Comecei a esperar - se não torcer - por uma arqueologia em que o “coração” assumisse o controle, em que a pesquisa centrada no coração fosse um “método” específico, tão poderoso e importante quanto uma abordagem processual ou a chamada abordagem pós-colonial, mas não limitada a um determinado campo, escola ou grupo de seguidores”* (2020, p. 271).

Um dos temas centrais em destaque nos diversos capítulos da obra são os diferentes modos de conceber o tempo, como algo fundamental na construção de alianças. Lyons e Supernant enfatizam a importância do senso de cuidado e afeto em relação aos regimes temporais próprios das comunidades com as quais colaboramos, instigando a que se perceba maneiras de integrar diferentes ambientes profissionais. Isso implica romper com uma tradição arqueológica que historicamente separou e, até submeteu de maneira arbitrária, as pessoas e as materialidades, como ecoam as palavras de Surface-Evans: *“a ciência sempre será política”* (2020, p.77). Contudo, o que emerge de forma ainda mais surpreendente é o desafio que enfrentamos ao optar por trabalhar em estreita colaboração com comunidades,

reconhecendo ritmos de vida distintos daqueles da academia. Nesse contexto, Rizvi, Hodgetts e Kelvin (2020) mergulham em um meticuloso processo de autorreflexão, destacando os aprendizados obtidos durante suas colaborações com as comunidades e a importância de articular os tempos acadêmicos e comunitários. Isso ressalta uma tensão intrínseca nessa dinâmica temporal que requer uma revisão cuidadosa para a formação de "alianças afetivas".

Diversas autorias do volume abordam a questão das motivações que impulsionaram suas escolhas de temas de pesquisa, adotando abordagens que abarcam uma ampla gama de ações, por exemplo, Armstrong e Anderson (2020, p.54) mostram, a partir da colaboração antiga com os povos indígenas da costa noroeste da América do Norte, a importância de compreender o *"ethos baseado na terra dos povos e das paisagens ecologicamente manejadas"* para a construção de uma ética ambiental do uso de recursos naturais centrada nos desejos e necessidades desses povos. Inspiradas por Hillerdal, Karlström e Ojala, (2017, p. 54), apontam que o *"patrimônio dos povos que foram colonizados, privados de direitos e destituídos de poder é exclusivamente uma questão de direitos humanos"*. E que *"devemos considerar o coração daqueles que nos confiam o patrimônio deixado por seus antepassados - essa confiança é, de fato, um relacionamento centrado no coração por si só"*.

Os diversos capítulos oferecem exemplos e perspectivas de "vozes pessoais", destacando a importante jornada de reflexão e autocrítica para aprimorar a sintonia e abertura das práticas arqueológicas às diversas filosofias de cura e transformação que povos indígenas têm empregado por séculos para manter seu equilíbrio e harmonia. A obra transcende as convenções acadêmicas tradicionais, promovendo o diálogo entre diferentes, tendo sempre o coração como seu epicentro. Nesse sentido, o livro é uma leitura indispensável, não apenas para aqueles envolvidos nas humanidades, mas para qualquer pessoa que deseje compreender e construir uma prática profissional que "nos torne pessoas melhores, melhores arqueólogas e arqueólogos e uma comunidade de prática mais gentil e inclusiva", como sugerido por Lyon e Supernant (2020, p. 1).

Agradecimentos

JFM: Esta resenha foi financiada pela SAPPI- Secretaría de Investigación y Posgrado del Instituto Politécnico Nacional (Proyecto 20230107; Director del Proyecto: Julieta Flores-Muñoz)

MS: Esta resenha foi financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (bolsas 2019/17868–0, 2019/18664–9, 2021/09619-0).

Referências

ARMSTRONG, C. G.; ANDERSON, E. N. 2020. Ecologies of the Heart. In *Archaeologies of the Heart*. Kisha Supernant, Jane Eva Baxter Natasha Lyons, Sonya Atalay (eds.). Cham: Springer, p. 39-58.

ATALAY, S. 2012. *Community-Based Archaeology: Research with, by, and for Indigenous and Local Communities*, University of California Press, Berkeley.

ATALAY, S. 2019. Braiding strands of wellness: How repatriation contributes to healing through embodied practice and storywork. *The Public Historian*, 41(1), 78–89.

CONKEY, M. W. 2020. Epilogue: When Does the 'Heart' Take Over? Some Reflections on *Archaeologies of the Heart*. In *Archaeologies of the Heart*. Kisha Supernant, Jane Eva Baxter Natasha Lyons, Sonya Atalay (eds.). Cham: Springer, p. 271-276.

HILLERDAL, C. KARLSTRÖM, A.; OJALA, C-G. 2017. *Archaeologies of 'us' and 'them' — Debating the ethics and politics and indigeneity in archaeological and heritage discourse*. New York: Routledge.

HODGETTS, L.; KELVIN, L. 2020. At the Heart of the Ikaahuk Archaeology Project. In *Archaeologies of the Heart*. Kisha Supernant, Jane Eva Baxter Natasha Lyons, Sonya Atalay (eds.). Cham: Springer, p. 97-111.

KRENAK, A. 2016. “Alianças vivas” (Entrevista por Cesarino, Pedro). In: Cohn, S and Kadiwel, I (Eds.). *Aílton Krenak: Coleção Tembetá*. Rio de Janeiro: Azougue: p.169–84.

LYONS, N.; SUPERNANT, K. 2020. Introduction to an *Archaeology of the Heart*. In *Archaeologies of the Heart*. Kisha Supernant, Jane Eva Baxter Natasha Lyons, Sonya Atalay (eds.). Cham: Springer, p. 1-22.

MUÑOZ, J. F.; SALLUM, M.

RIZVI, U. Z. 2020. Community-Based and Participatory Praxis as Decolonizing Archaeological Methods and the Betrayal of New Research. In *Archaeologies of the Heart*. Kisha Supernant, Jane Eva Baxter Natasha Lyons, Sonya Atalay (eds.). Cham: Springer, p. 83-96.

SURFACE-EVANS, S. L. 2020. 'I Could Feel Your Heart'." In *Archaeologies of the Heart*. Kisha Supernant, Jane Eva Baxter Natasha Lyons, Sonya Atalay (eds.). Cham: Springer, p. 69-82.

TUXÁ, Y.; GAMBELL, N.; APIKÁ, L.; MORSEAU, B.; SILLIMAN, W. S.; BALANZÁTEGUI, D.; SALLUM, M. 2024. Arqueologias Indígenas, Territórios e Direitos Humanos em uma perspectiva Latino Americana: diálogos Tupi Guarani, Tuxá e Pequot do Leste. *Revista Etnográfica*, 28 (1).